

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GALATO-PAÇO DE SOUSA—Telf. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GALATO-PAÇO DE SOUSA	Vales do Correio para CETE

AVENÇA

Gaiato



Visado pelo Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 176
PREÇO 1\$00

BARREDO

COMO *Faisca* a toda a hora me pedisse para ir também quando eu fosse ao Barredo, calhou d'esta vez. Saimos de casa imediatamente a seguir à refeição do meio dia. Avelino acompanhou-nos, com outra missão; ia ao Araújo & Sobrinho em negócios. Arranjou ali uma dívida de 40 contos. São coisas d'ele e da firma. Declaro aqui, para que me não peçam contos. Quem quer não fie!

Na Batalha separamo-nos. A nossa primeira visita foi ao Terço, aonde temos o Zé da Cozinha, com uma perna amputada! Temos este aqui. Temos no Sanatório de Gaia. Temos no Sanatório de Coimbra. Temos no Hospital de Paredes. Eu não queria, já se vê,—mas não ando por isso descontente. Estas são as pedras vivas que seguram a Obra.

Do Terço metemos à Banharia. Ao fundo, dou com uma peixeira, minha conhecida, plantada no

meio da rua com uma tábua na mão e sobre ela, um traço de pescada. Ela não oferecia. Ela não dava fé de quem passava; nem de mim, que de longe a estava mirando. Aproximei-me. Toquei-lhe no ombro. Ela acordou; *é o Senhor*, disse! Claro que se não dirigia a mim. Aquele *é o Senhor* não era para mim. Ela não dava fé de quem passava. Ela não oferecia o seu peixe. Ela estava a sonhar...

Esta foi a primeira alegria imensa, inenarrável, que naquela tarde colhi. Deu-me a peixeira d'Ovar. Toquei nos ombros de Jesus Nazareno!

Estavamos no Largo da Ribeira. Havia dois vapores a descarregar. *Faisca* quis saber coisas e coisas e coisas às quais facilmente pude responder. lam-se fazendo horas; eu não tinha ido ali para ver barcos. Levava, até, uma grande missão: como tivesse dito aqui há tempos de uma mulher idosa

que fora creada de servir e hoje é minha visitada, aconteceu que uma creada de servir me confiou metade do seu ordenado, para ela! E eu desobriguei-me da missão. Estava ela na enxerga; ao pé a sua irmã. Falam à moda de Resende. Demorei-me mais do que o costume; era a missão.

Ela leu um testamento, aonde a senhora contemplou a creada, mas não lhe presta. Só d'aqui a dois anos. *Eu mando pedir um bocadinho de pão. Mandeí pedir cem mil reis pra um cobertor. Nem um alho me dão.* Não é uma queixa, muito menos um protesto. É sim, um desabafo. *Agora é que eu precisava, meu padre, mas só d'aqui a dois anos.*

Ela não pode erguer a cabeça do travesseiro. Tinha as mãos escondidas debaixo de uns farrapos. Pedi-lhe a mão. Dei-lhe a nota do Banco. Declarei que era de uma Creada de Servir. Ela desata a chorar;—*é o senhor que me ajuda.* Outra vez Jesus de Nazaré a chorar e a perdoar! Quem não há-de ir ao Barredo,—a todos os barredos?! Quem não há-de lançar nas almas a semente do Eterno! E de que serve; a quem aproveita a Imprensa, se assim não faz!

Descemos, *Faisca* mais eu. Gostei de levar o *Faisca* comigo, primeiramente porque foi ele mesmo quem pediu. Depois, como vai fazer o Liceu, pode ser que um dia, homem da Nação, venha a ser chamado aos problemas sociais, e já sabe como se faz:—Ir. Ver. Apalpar. Sentir. Sem sair do mesmo predio abre-se-nos uma porta escura. Era um quarto. Três mães com os seus Inocentes. Tão pequeninos! Tão desgraçados! *Senhor Pai Américo, venha cá mais vezes*, disseram as mães. E eu vou lá mais vezes.

Mais quartos sem luz. Mais Resignação. Mas Heroísmo. Eu finjo queixar-me à beira dos leitos: *mas eu não posso. Eu fico pobre.* É uma provocação. Eu quero ouvir o Evangelho da boca dos Pobres. E oiço. E oiço. E oiço. Pregadores divinos de verdades eternas! Eles falam com lágrimas, com certeza, com devoção: *não fica, meu padre!*

Estamos a caminho do regresso. Em baixo, sob os arcos da Ribeira, estendem-se mulheres com suas tendas. Ao pé grupos d'homens ribeirinhos. *Faisca* mais eu passamos. *Adeus, fulano. Volte depressa. Venha-nos ver.*

Tomamos o eléctrico em S.

A NOSSA TIPOGRAFIA

E o Lobito. E Coimbra-Saudade. E meia dose do Bombarral. Ali nem por isso vão à missa, mas gosta-se desta procissão. E 20\$00 de Ovar. E 500\$00 de Castelo Branco. E um grupo de costureiras de chapéus, do Porto, vai pela segunda vez—na falta de quem ainda não veio. O Reino do Céu é dos Pequenos. Jesus da Galileia escolheu deliberadamente o convívio dos humildes e era implacável para com os poderosos. O Evangelho o diz. Hoje não é assim! Quem é que mudou? Mais do Porto uma segunda dose. E os Funcionários do Banco de Angola também aqui vão; banqueiros é que não. Também Evendos. Gondomar. Longra. Lobito; *deixo todos os jornais da Metrópole para devorar O Gaiato*, —diz este senhor. Hom'essa?! E 20\$00 de Trancoso. E 50\$00 de Ponte da Barca. E Carriço. E 20\$00 de um casal de provincianos. E uma libra de *uma mãe de Tomar*. Foi um seu filho que fez saltar a libra da gaveta para fora: *pelos bons resultados dos exames de meu filho*. Outra mãe de algures, manda 50\$00 do trabalho de meu filho. Que linda procissão!

Faltam 139 contos.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

MAIS no avião uma nota das maiores que o Banco faz e a Comissária rapou de um anel que trazia no seu próprio dedo e disse *prós seus rapazes!* Mais um passo e dar-se-ão os dedos também! Mais em Lisboa um *eu trago aqui uma coisa para si*; era metade da nota do avião. A isto junte-se o almoço que me deram no hotel e podemos dizer que outros têm ido à capital com menos sorte. Mais 100\$ de Tomar: *o meu primeiro abono de família*. Mais no Porto, enquanto eu parei na rua, não faltou gente a meter-se comigo, sendo o principal um estudante, que me deu 100\$ do seu primeiro ordenado e outro tanto da sua noiva. Pois que breve se casem, é o meu desejo. Mais tecidos. Mais duas mantas de Loriga. Mais d'Elvas um fato e 100\$. Mais do Porto, um fato e 500\$. Nós temos de revistar. Em que isso me custe, tenho de ir às algibeiras dos fatos que nos mandam. Mais 200\$ de Mangualde. Mais 50\$00 para o Barredo.

Mais 50\$ de S. Pedro da Cova. Mais 20\$00 do Porto. Mais 20\$ do Porto. Mais 200\$ de Lisboa. Mais 2 contos para o Lar de S. João da Madeira, de alguém d'Oliveira d'Azemeis. Mais do Fernando e da Maria. Mais 20\$. Mais 100\$, para o Barredo. Mais 500\$ de uma promessa. Mais 500\$ de Lisboa. Mais da *Maria atribulada*. Mais 200\$ de seis empregados do Caminho de Ferro do Lobito. E um saco de castanhas. E encomendas postais com roupas d'aquém e d'além mar. Eu rejubilo com os pacotes d'além: roupas, açúcar, calçado. Que imenso carinho! Há tempos, vieram coisas de Funcionários dos C. T. T. de Lourenço Marques. Vi-me e desejei-me, por causa d'uma camisa que lá vinha; era uma peça e mais de 20 rapazes a querê-la. Foi aqui o fim do mundo! E 100\$ de Nelas.

Mais esta cartinha de Soure:

Nós somos "tripeiros". Eis-nos fazendo eco do Evangelho

(CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA)

Francisco. Ao passar na rua das Flores entrei uns momentos numa loja amiga; uma ourivesaria. Tinha ali uns aneis à venda e ia saber.

Enquanto espero, falo da abundância que trazia no coração. O dono chora. Pede-me que sempre que vá ao Barredo, passe pelo seu estabelecimento; e mostra-se constrangido. Os setins. O ambiente. O reluzir...

Não, acudi eu. Não senhor. Isto tudo é preciso. De onde eu venho é que se escusa. E preguei ali o Evangelho.

oi Ele no ão custou rnalzinho o não lhe los Ibéri-morra; e o! Pois o senhor. Deixou fi-u ficar as a sua al-im. Tudo

ardineiro a já fanha beira te iam fa-chei pou-smo des-melhor. al o artis-

a questão o Zé de nserva ção eira da os vir tra-a veio-me e um rega-le, a água zia poças. as poças m de cate-Arouca e r. Um res-espelhar.

rouca, fiel do jardim, char o restá e com ue nasceu oram aonderam-no. io a saber. e regue ele um jardim dão mais os senho-ssol Como a dos dois, de Arouca s não per-precisam! uca não é

so. Quando a tarde por do nenhum! e Portugal

dizem que quer inte-

Amigo In-

dinheiro, a coisa que em obriga-que como próximo. banquetes, o nome de a que uma teressar ao

DRIANO

TRIBUNA DE COIMBRA DO QUE NÓS

NECESSITAMOS

T faleceu-nos no dia 4 o Zé Brio. O seu nome era José Pinho de Carvalho. Era nosso há sete anos; agora é exclusivamente de Deus. Nós acreditamos na vida eterna; ele também acreditava. A sua morte foi um estímulo, mas a sua doença ainda mais. Adoeceu em Maio e em Julho foi para o Hospital, onde esteve três meses. Quando se sentiu pior pediu para o levar para nossa casa. Veio e sentiu-se melhor; era a nossa casa; era carinho da nossa família. Perguntava-lhe se se sentia melhor e respondia: sinto, *estou em nossa casa*. Nunca a casa lhe parecerá tanto sua. Tinha a família em Coimbra, mas veio para *nossa casa*. Recebeu os últimos sacramentos e a Bênção Apostólica para a hora da morte. Todos assistimos; todos rezámos; todos estreitamos mais os nossos laços de família. Uns choravam, outros rezavam. Ele chorava e ria e olhava para todos e pedia perdão. Uma verdadeira família cristã.

Tenho assistido muitas vezes à administração dos últimos sacramentos, mas como agora nunca. Vale bem a pena nós prepararmos para a morte na Casa do Gaiato!

Foi sacramento em estado de perfeita lucidez. Muitas pessoas têm medo e só chamam o sacerdote no último momento e quantas vezes já tarde de mais. Nós não; o nosso doente soube o que fez e foi ele que pediu e ainda viveu

muitos dias e soube sofrer resignadamente. Nós somos cristãos e o cristão não tem medo da morte, nem do sofrimento. Um modelo. Viveu bem e morreu bem, assim o cremos.

O seu funeral foi pobre e modesto no aparato, mas rico em orações e sentimento. Eram três sacerdotes, eram todos os irmãos da Obra e de sangue. Foi pobre e modesto como pobre e modesta é a Obra. A Agência Funerária de Bartolo Gomes Pereira quis associar-se à, nossa pobreza e não levou nada. *Já assim tem feito das outras vezes*. Esta Agência já tem fama, mas há-de apanhar muita mais. Deus lhe pague.

Coimbra está muito esquecida da Obra da Rua. E contudo foi ela a mãe. Foi em Coimbra que a Obra veio à luz. Pos-se a olhar para o Porto e para Lisboa e quase parou. É necessário chamá-la a atenção. É preciso que os coimbrécenses se reanimem de novo e com muita generosidade. Ainda nem todos se esqueceram e seguem a prova: Cento e cinquenta de mão escondida que passou pela Casa do Castelo. Deus sabe. A Casa do Castelo é boa e séria; podem deixar lá. Mais uma porca «lindíssima», como diz o nosso cronista, que nos deu o Snr. Dr. Rui Avelar. Bastou um telefonema e nós fomos lá buscar. Foi para a nossa casa de Miranda e toda a gente tem ido ver e pedir criação. Este Snr. Doutor visita-nos assim mui-

tas vezes.

Mais cestos de maçãs de S. Romão. Eram uma delícia. A fruta da Beira é um primor. Mais cem de uma senhora a pedir pelas suas almas. Que descance em paz e que Senhor ouça a sua e a nossa oração.

Mais uma peça de riscado de 30 metros por intermédio do Snr. P.^e Manuel. Veio do Porto. O riscado é o género de primeira necessidade nas nossas rouparias. Tanto em Coimbra como em Miranda as senhoras andavam a importunar-me a toda a hora para eu comprar riscado. Eu não tinha nem tenho com que o comprar e os cães já são muitos e grandes. Veio o dito riscado e, oh cabo dos trabalhos! A de Coimbra precisava dele todo; não tenho nada, a de Miranda tem muito mais gente e não tenho com que remendar uma camisa; as duas tiveram e as duas ficaram sem nada, porque era pouco.

Quem há que nos queira vir valer e livrar-me destas aflições?

O Snr. P.^e Manuel trouxe-nos ainda mais um retalho de linho finíssimo. É para a nossa capela. É para o altar do Senhor que dará a recon pença. Mais vinte escudos de uma amiga de Obra. Comprou, como sempre o jornal e disse que voltassem lá para lhes dar mais alguma coisa. Eles não se esqueceram. Cuidado com as promessas aos nossos rapazes. Eles são como os santos: esperam, mas não perdoam.

PADRE HORÁCIO

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

tão bem pregado por V.

É para que saiba que o Porto não está só no Porto. Ele está em Portugal inteiro. É a voz do Porto.

O dinheirinho do vale que segue junto é dos operários duma Fábrica de Fiação. Destina-se ao que melhor V. entender, isto porque sabemos que lhe dará o melhor destino.

O dinheirinho do vale eram 200\$ e o Avelino manda todas as quinzenas vinte exemplares do que ali chamam famosíssimo. Eu compreendo que os operários se entusiasmem pelo Gaiato. Compreendo. Pois se Jesus era filho do Carpinteiro! Um operário como eles! Sim; eu compreendo. O que me desorienta é a deserção! Que figura se tem dado a Jesus? Que roupas? Que tintas? Quem empacota? *Eu só compreendo o Evangelho do Gaiato, ouve-se a cada passo. Mas ele há mais? Não senhor.*

Mais morcelas; morcelas d'Arouca. Tenho-me consolado! Júlio e Avelino, meus companheiros de mesa, participam. Outros também têm lambido. Não são oferecidas por um suíço, dizia por fora uma caixa, mas por alguém que muito admira a Suíça na sua beleza natural, na virtude do seu povo artista, esmerado e de irrepreensível educação. Agora falo eu: enfermeiros suíços chamados a trabalhar num hospital latino, ficaram horrorizados quando vieram a saber do que se passa nos economatos de mantimentos e medicamentos... Não queriam acreditar. É natural; o esmero, a educação. Mais plantas de jardim, dos viveiros de Castromil, de Abel Barbosa.

Nós também necessitamos do amen dos leitores para casos dolorosos que amiúde se nos depa-ram: estreptomocina. A dor está em haver um remédio que cura aquele doente, nosso irmão, e os irmãos que podem, deixam-no morrer!! Aqui não. Não deixamos passar nenhum caso conhecido. Seria a nossa morte, se o fizéssemos. Empenha-se a camisa, se for preciso. Está em causa uma vida! Se amanhã se inserisse nas certidões d'óbito—morto por incúria, social,—muitos e muitos e muitos cairiam nesta rubrica. Ele é verdade que o Risonho, na venda do jornal, tem descoberto Caixas. Caixas grandes, como ele diz. Tem. Mas estão fechadas.

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

O QUE PRECISAMOS...

Temos de ser breves. O espaço do Famosíssimo, é cada vez mais exíguo. Dizer muito num míni-mo de palavras, eis.

Como vêm, resta-nos dizer-vos que a conta da farmácia aumenta. Aumenta e nós desconsolados, porque não temos e vemo-nos forçados, quantas vezes... a dizer que não. Palavra terrível para o pobre. *Veja se pode. Ande, dê um jeitinho*, e logo a palavra não. Custa-nos, mas ao menos que Deus desperte nos corações de quem nos lê, vontade para nos ajudarem.

Novos pobres diariamente se abeiram dos nossos confrades e falam das suas tristezas. É o inverno, o cair da folha, que trás também estes melancólicos quadros da aldeia. Aqui o caso é simples, muito simples. Não é o reboliço das cidades; é sim e principalmente a imprevidência rural. Trabalham de sol a sol. Vem a velhice, se não a velhice as terríveis doenças e qual previdência, nada os ampara! As conferencias fazem o que podem, nós pelo menos fazemos o que podemos. Não tem sido uma, nem duas vezes, que socorremos casos extraordinários. Qual a causa, geralmente? Doenças. Consequentemente, necessidade de medicamentos. O trabalhador não pode; eles são caríssimos! Resultado: as conferencias são sobre carregadas fazendo, evidentemente, só o que estiver ao seu alcance.

... E O QUE RECEBEMOS

Veio o despertar! A tribuna dos pobres foi lida, saboreada e resultado-ajudada. Graças a Deus assim foi. Mal de nós se assim não fosse; não pereceríamos, como já tive ocasião de dizer; mas a nossa acção seria tanto mais restricta, quanta a ajuda que nos dispensassem. A quinzena de hoje é animadora. Abre o cortejo um dos sem-nome, isto é, anónimo. Nem sabemos de onde é, mas sabemos que ofereceu 100\$. Mais tarde outro na mesma, mas quantitativamente mais baixo. Cada qual dá o que pode, na medida das suas posses. O pobre dá pouco, o rico, evidentemente, dará muito. A seguir mais alguém que envia a quantia de 20\$00 para os pobres da nossa conferencia. Obrigado. Depois destes, mais cem deles, juntamente com um cartão. É do Marco de Canavezes e reza assim: *para ajuda do pagamento da conta da farmácia da conferencia dos gaiatos de Paço de Sousa e que vos dêem muito*. Deus queira que sim, são os nossos votos. Esta questão está na mão do leitor. Nós só pedimos... Seguidamente a este cartãozinho, vem uma Maria com 50\$00 que *gostaria de saber pelo jornal se os receberam*. Aqui vão eles muito catitas, juntamente com mais deles. E para fechar—não podia fechar melhor—escreve-nos um velhinho, não sabemos donde, que envia uma carta muito interessante a dizer que com 62 anos

O que nos dão no Tojal

E STEVE agora aqui o Octávio a contar as Senhoras que em Lisboa lhe oferecem de comer. *Trazia na memória uma lista de quinze nomes, sem contar as que de momento teriam esquecido. Isto ao Domingo; porque, sempre que de semana vai vender «O Gaiato» nos Correios e mais Escritórios, a lista cresce a perder o conto. É uma senhora que lhe traz sempre o almoço num cestinho, outra que já vem prevenida com doces, outra com bolos. Ele come do que lhe apetece e ainda traz fornecimento para os «batatas». Por isso o maior castigo que se lhe pode dar, é proibi-lo de vender o jornal.*

Os outros, se bem que menos favorecidos, nunca chegam a casa com fome. Há lugares certos onde encontram sempre mesa posta: J. N. de Vinhos, G. de Mercarias etc. etc.

(Continua no próximo numero)

ainda trabalha 10 a 12 horas diárias etc... Remata com uma quadra muito pessoal e envia também 30\$00. Obrigado, em nome dos nossos irmãos. E por hoje, fechamos bem. Vamos ver os quinze dias que nos separam da próxima e diremos tudo o que se passa até lá. A todos que nos ouvirem, enviamos deste cantinho, sinceros agradecimentos. Bem hajam.

J. M.

Pelas Casas do Gaiato

TOJAL

COIMBRA

MIRANDA

PAÇO DE SOUSA

No dia de todos os Santos, o senhor Pinheiro de Á-das-Lebres, convidou-nos, como é costume todos os anos, para irmos lá passar a tarde. Como já sabíamos para que era aceitamos o convite da melhor vontade. Fomos todos cá da casa, até os mais pequeninos. Lá tínhamos à disposição, castanhas, amendoins, figos passados, e uma nova água-pé. Comemos, bebemos, e demos vivas ao Sr. Pinheiro, mais à pinguita que nos deu, e viemos embora para casa todos contentes. O ano passado eles ainda se enganaram nos graus da água-pé. Este ano, não.

O Sr. M. Raso de Loures enviou-nos também um saco de amendoins, e duas ceiras de figos para o S. Martinho. Para o Natal já temos a promessa de broinhas da sua especialidade. Também já estão marcados dois borregos, dos cinco que as ovelhas já tiveram.

O Pedro foi hoje fazer exame de chauffeur. Vamos a ver se não trás raposa. Para que tudo corresse bem até se foi confessar e comungar. Um senhor de Lisboa prometeu pagar-lhe metade da despesa da carta, o que é uma furgonete!

Estiveram cá no domingo, 12 de Novembro, os alunos da Escola Académica. Prêviamente convidaram-nos para fazermos um desafio de futebol, entre amigos. Nós perdemos por 11-0. Na primeira parte o grupo de fora estava a ganhar por 5-2. Estes visitantes estiveram connosco toda a tarde.

CARLOS ALBERTO



FALECEU-NOS o José Pinho de Carvalho, conhecido em nossa casa por «Zé Briu». Depois de estar muito tempo doente em nossa casa, depois no Hospital e finalmente em casa.

Contava dezassete anos e era natural de Coimbra.

Depois de vir do Hospital com a doença descoberta mas sem cura veio para junto de nós para morrer connosco. E assim foi: o nosso irmão depois de um mês de sofrimento desesperado, veio a morrer no dia quatro de Novembro.

Morreu bem; já tinha recebido os Sacramentos que o preparava prá morte, e já tinha recebido a confissão e a comunhão. E agora que Deus o tenha no seu poder, é o voto de cada um de nós. Pedimos para que rezem agora por ele.

A venda do «Famoso» tem estado muito fraca. A última foi a seguinte: Buarcos vendeu 48 jornais e teve 20\$00 de grojeta. Machado vendeu 15 jornais e teve 1\$90 de acréscimos. Afonso despachou 23 jornais e teve 4\$80 de demasia. Formiga vendeu 15 jornais e teve em excesso 5\$20.

E finalmente o Bucha vendeu 50 jornais e teve de sobras 15\$20.

Esperamos que a venda do nosso pequenino, mas grande Jornal, tenha melhor venda, e para isso é preciso que os Conimbricenses correspondam.

ERNESTO PINTO

Venho hoje mais uma vez falar ao Famoso, narrando-lhes alguns casos passados entre o nosso meio familiar. Em virtude da ausencia do nosso crónista para o novo Lar de S. João da Madeira fiquei eu com a indispensável obrigação de crónista. Se quero cumpri-la com a maior força da minha vontade.

No dia dia de Todos os Santos fomos dar um passeio até aos nossos pinhais mais próximos com o Sr. P.º Horácio, o passeio correu admiravelmente; todos nós gostamos imenso. Levamos, uma pinga e castanhas, fizemos um pequeno mas alegre magusto. No fim do pinhal nas nossas minas, depois de comer e beber tivemos um ensaio de alguns versos religiosos executados pelo Sr. P.º Horácio, para as cerimónias da tarde realizadas na nossa capela, que correu muito bem, sendo os chefes Humberto e Monarca ajudantes do sacerdote.

Já fizemos a nossa apanha de azeitona e infelizmente só tivemos 14 litros; mas seja o que Deus quiser ele nos há-de ajudar e esperamos para o ano que vem.

Já temos um compartimento destinado à nossa Barbearia, mas faltam-nos o necessário para a pormos a funcionar e para isso precisamos da colaboração dos nossos queridos leitores que nos ajudem. Mandem-nos alguma coisa para ela.

JOSÉ MARIA SARAIVA

NASCEU há dias uma ninhada de porquinhos. Como os senhores sabem, já temos porcos suficientes e os ditos vão-se vender. Agora como estou a falar em porcos venho a dizer aos senhores que já se deve abater algum. O Nosso Pai Américo já disse que na quinta-feira morria um.

NÓS temos muitas galinhas, mas não são suficientes para dar ovos para todos os rapazes da nossa casa. Antigamente tínhamos: perus, patos e frangas, mas já não temos nada disso. Se os senhores quiserem mandar algumas aves destas que se falaram, muito agradecemos.

ESTIMADOS leitores, temos cá um rapaz na casa que necessitava de selos usados, isto é, selos do correio.

Ele pedia aos estimados e queridos leitores se tivessem alguns desses selos usados a ver se podiam mandar.

Os senhores até podem mandar esses selos nem que seja por meio de uma carta, ou também por uma encomendazinha.

Agradecia muito aos estimados leitores.

Cá na casa é conhecido pelo «Pintarrocha».

Quando alguém lhe dá selos ele fica todo contente; até salta de contente. São para as Missões.

COMO é de conhecimento dos senhores, nós temos uma casa de lavoura nova. Nós temos muitas cabeças de gado, principalmente de vacas.

ALFREDO ROSA

DE há muito se vinha sentindo a necessidade de esclarecer e regulamentar a situação dos ex-Pupilos que se desempregavam por qualquer circunstância.

O rapaz, desempregado, continuava dentro do Lar, sim, mas este estado de coisas não era isento de reparos, mormente se se prolongava indefinidamente, não existindo, para o debelar, qualquer tradição fixa ou ainda algum princípio que servisse de base à sua solução.

Acrescia ainda o facto de o Rapaz, nestas condições, se tornar um inválido, caindo numa osiosidade ordenada e, vivendo sem quaisquer encargos monetários, figurava aos olhos dos seus companheiros como um indivíduo que se «encosta» e assim se arrasta a sobrecarregar a sociedade.

Para sustar e pôr cobro a esta falta de ordenação, resolveu-se elaborar uma espécie de regulamento, que criou, no fim, a Caixa de Previdência do Lar do ex-Pupilo,—modelo Fundo de Desemprego sui generis.

O regulamento consta de 11 artigos, que se transcrevem textualmente, depois, de a Comunidade do Lar ser consultada e ter aprovado as suas disposições. Assim:

ARTIGO 1.º—Ficam abrangidos pelas disposições da Caixa de Previdência do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios do País todos os membros da sua Comunidade, que venham a desempregar-se por falta de trabalho.

A)—Os futuros ex-Pupilos, membros da Comunidade do Lar, que possam, porventura, vir a ser admitidos sem emprego previamente assegurado, ficam a beneficiar das regalias da Caixa de Previdência, sem quaisquer distinções em relação aos actuais membros.

B)—Fica ipso facto afastado das regalias consignadas nas disposições da Caixa de Previdência o ex-Pupilo que se desempregue por desonestidade no respectivo emprego, por falta de camaradagem para com os outros trabalhadores, por insubmissão aos dirigentes e patrões, ou por qualquer outra ocorrência disciplinar que implique o seu desemprego.

§ ÚNICO—No caso da alínea b, o ex-Pupilo deve retirar imediatamente do Lar.

LAR DO EX-PUPILO

ARTIGO 2.º—O fundo monetário da Caixa de Previdência é sustentado por cotas individuais.

A)—Todos os membros da Comunidade são obrigados ao pagamento da cota, não havendo necessidade de averiguar, para esse efeito, condições e circunstâncias de vida.

B)—A cota é mensal, de esc. 2\$50 (dois escudos e cinquenta centavos), paga no princípio do mês a que diz respeito.

§ ÚNICO—Esta importância será sobrada pelo Tesoureiro da Caixa de Previdência e adjuvado pelo maioral do Lar do ex-Pupilo, que deve ter ainda à sua guarda o saldo da Caixa.

ARTIGO 3.º—Durante os primeiros 30 (trinta) dias de desemprego, o desempregado é mantido por conta do Lar do ex-Pupilo, sem que, para isso, o fundo monetário da Caixa de Previdência entre com qualquer importância.

ARTIGO 4.º—Passada a primeira semana além dos 30 dias do primeiro mês, principia a retirar do fundo monetário da Caixa de Previdência a importância correspondente a essa semana e equivalente ao computo do que o ex-Pupilo entregava ao Lar, como prestação da sua jorna.

§ ÚNICO—Esta importância será entregue pelo Tesoureiro do fundo monetário da Caixa de Previdência ao desempregado, para que este, por sua vez, a apresente ao Maioral e seja creditada na sua folha individual.

ARTIGO 5.º—Nas semanas seguintes à 1.ª semana do artigo anterior, e até perfarer um mês, o Tesoureiro do fundo monetário da Caixa de Previdência será obrigado a entregar ao desempregado importâncias idênticas à sua primeira prestação.

§ ÚNICO—Se, entretanto, o saldo do fundo monetário da Caixa de Previdência se esgotar antes de perfarer um mês do início do seu funcionamento, o

desempregado continuará a ser mantido por conta do Lar do ex-Pupilo.

ARTIGO 6.º—Após o fim do mês em que o desempregado principiou a ser socorrido pela Caixa de Previdência, o ex-Pupilo será mantido, alternadamente, pelo Lar do ex-Pupilo e pelo fundo monetário da Caixa de Previdência, devendo a primeira semana, neste caso, ser por conta do Lar.

ARTIGO 7.º—O ex-Pupilo desempregado manter-se-á nesta situação até que volte a encontrar de novo trabalho.

A)—Para esse efeito, será apreciado o grau de diligência que aplique na procura de emprego, devendo a Comunidade do Lar do ex-Pupilo ser informada dessa apreciação.

B)—Logo que se verifique que o desempregado é pouco diligente e não se esforça por colocar-se de novo, será convidado a sair do Lar do ex-Pupilo, podendo, todavia, ser readmitido na Comunidade, desde que consiga emprego e apresente certificado, nesse sentido, passado pela respectiva entidade competente.

ARTIGO 8.º—Durante o mês em que o desempregado é mantido pelo Lar do ex-Pupilo será obrigado a auxiliar o pessoal doméstico da casa nas suas atribuições, devendo esse auxílio ser prestado de preferência na parte da manhã.

A)—O desempregado deve dispor, o melhor possível, do tempo da tarde na procura de novo emprego.

§ ÚNICO—Se houver conveniência nisso, esta consagração de tempo poderá ser alterada na ordem inversa.

ARTIGO 9.º—Durante o mês em que o desempregado estiver a ser mantido pela Caixa de Previdência, disporá de todo o tempo na obtenção de emprego, salvo quando seja imprescindível a sua

permanência no Lar, para qualquer serviço por natureza inadivél.

ARTIGO 10.º—Durante a sua manutenção alternada semanalmente entre o Lar do ex-Pupilo e a Caixa de Previdência, o desempregado distribuirá o tempo segundo o determinado nos dois artigos anteriores.

ARTIGO 11.º—Estas disposições podem ser alteradas consoante a necessidade resultante das experiências, devendo a Comunidade do Lar do ex-Pupilo ser informada de qualquer ocorrência nesse sentido.

Desta maneira se procurou solucionar o problema.

Bem ou mal, a experiência o dirá. A Caixa de Previdência foi criada em Agosto passado e dela já beneficiou um ex-Pupilo, desempregado por falta de trabalho.

A cota, com a qual se sustenta o fundo monetário da Caixa, é tão pequena que não pesa a ninguém a sua satisfação. Por isso, todos são obrigados ao seu pagamento.

Ao ex-Pupilo desempregado e que beneficia das regalias da Caixa, não fica mal a sua situação de beneficiado, porquanto terá as suas cotas em dia, enquanto esteve a trabalhar e a descolar para o fundo monetário da Caixa. Deste modo, a figura do indivíduo que se «encosta» tem desaparecido aos olhos dos seus companheiros.

Ao regulamentar as disposições da Caixa de Previdência, teve-se também em vista não afastar o Lar do ex-Pupilo da assistência moral e material que deve prestar aos seus membros. Nestes termos, a manutenção do desempregado durante os primeiros trinta dias será por conta das suas próprias finanças, vindo ainda a alternar, sem prejuízo, com a Caixa, a manutenção do desempregado, do terceiro mês em diante.

Por fim, parece termos encontrado a solução para o eterno problema de saber como o desempregado preencheria o tempo. A maneira como assunto ficou resolvido parece-nos ser a melhor.

E como a Caixa de Previdência não foi criada para sustentar ociosos e negligentes, a alínea do artigo 7.º sanciona o ex-Pupilo pouco diligente com a sua saída do Lar, até que consig

(Continua na 4.ª página)

ISTO É A CASA DO GAIATO



Os senhores estão certamente lembrados do antigo aviário da nossa casa, que tanto deu que falar, ao tempo, nas colunas deste jornal. Lembrem-se das lindas aves com que primitivamente foi povoado; canários, pintassilgos, piriqritos e outros exemplares. Era a curiosidade. Era o interesse. Pois bem. Aquilo começou a decair, como acontece, às coisas e às pessoas. Em vez de viveiro de aves ricas, desandou num depósito de pardais, corujas, milhafres e pegas. De tudo isto lá vi! Depois desceu a capoeira. O antigo *Periquito* tinha ali as suas garnizés e os cozinheiros, as galinhas chocas. Era uma capoeira. Veio a seguir outra modalidade. Pombal. Foi pombal por muito tempo, mas um dia entrou lá um gato... Alguns rapazes deram fé e também entraram com um pau...

O Manuel da Figueira estava dentro. À porta estava o Zé d'Arouca e fora uma grande malta; foi o fim do mundo! Não posso aqui dizer da sova que o gato apanhou com medo que também haja paixões felinas, assim como há caninas; não posso. Mas a verdade é que o bicho tarde irá ós pombais...

Após o desastre sangrento, ficou o viveiro às moscas, até que de novo se animou. Agora são coelhos. É uma coelheira. Por enquanto são dois os sócios; *Tiroliro* e *Preta*. Mas não espero que vamos estar muito tempo sem zaragata. Eu já ontem ouvi uns zuns-zuns... Os das vacas não os deixam ir à erva, os da horta fazem o mesmo com as couves. E até eu já ralhei, por me terem ido a um lameiro perto das *alminhas*, no qual faço muito gosto. Vamos a ver.

Não se admirem, porém, das vicissitudes do aviário. É a contingência. Com as nossas casas é na mesma. Esta de Paço de Sousa, foi convento de frades até 1834. A seguir, foi lauta boda... Depois, residência do homem que a comprou. À morte dele, foi asilo.

Mais tarde, pasto de um incendio; findo o qual, instalaram-se os morges. Por último nós, para o abandonar dois anos depois e hoje, os restos, estão à espera de cair. O mundo é assim.

A casa do Tojal, foi residência de Bispos até 1910. A seguir, lauta boda... Outros anos depois, foi parlamento dos homens que então governavam a Desordem Nacional. Entrou o Ministro da Guerra com balas e canhões, de que a igreja foi depósito. Saiu-aquele e entrou o da Justiça, para fazer ali uma cadeia. Mas não chegou ao fim e tomou conta o do Interior com colónias de férias. Depois ficou às moscas e nesta situação nos foi entregue.

Uma vez na nossa posse, o Ministério das Finanças ainda quis meter nariz. Foi o caso que estando a gente com trabalhos de restauro, aparece um oficial de diligências a embargar. Queria saber quem tinha dado licença. O P.^o Adriano, que não tem papas na língua, também quis saber aonde é que estavam os oficiais de diligências enquanto aquele palácio esteve a saque. E continuou a martelar. E lá anda a martelar.



Fisgas. Agora são fisgas e pardais. Já confisquei um mundo delas. Ainda hoje de manhã *acacei* uma ó Roque. Os pardais acodem à eira, onde temos milho a secar. Outros pardais andam pelos campos, a catar o que fica. Outros, ainda, espreitam de sobre as árvores. E acontece estar sempre um rapaz aonde está um pardal...



Ontem fui bruscamente interpelado pelo *Faisca*, se eu lhe tinha tirado o leite. Que não, disse-lhe. Não senhor. Eu cá não tiro nada a ninguém, muito menos leite ó *Faisca*.

O rapaz, agora amainado, informa que o *Botas* lhe não dera o púcaro de leite do costume.

Ora o *Botas* passou a ajudante de cozinheiro, pelo que já risca alguma coisa na cozinha. Foi uma promoção. E que faz o amigo *Botas*, apenas promovido; que faz ele? Aquilo que faz muita gente *boa*, quando sobe ao poleiro. Como andasse de rixa com o *Faisca*, *Botas* resolve cortar-lhe o leite! Pronto.

Estas ervas daninhas devem ser cortadas desde a infância, não vá o *Botas* chegar amanhã a querer ser homem e jamais o será, se usar estes processos; estes tristes processos. Eu estou que não há nada que mais desqualifique o homem do que abusar do seu posto.

Hoje tratamos de ladrões. Vamos aqui fazer um grande relato. Foi o caso de um rapaz que chegou há pouco, de Gaia, com larga carreira de bulir no que está quieto. Logo se denunciou a si mesmo e começa a ser observado por alguns... que foram assim; entre os quais se distinguem *Painso* e *Cartola*. Estes aos domingos sobretudo, vigiavam com muita assiduidade. Ontem era domingo. Os dois entraram no meu escritório, com o de Gaia pela mão.

Tinham-no encontrado a enterrar dinheiro que uns senhores lhe deram. *Olhe; está aqui. Painso* toma a palavra e declara que é preciso tomar conta do rapaz e prendê-lo aos domingos senão ele ganha o vício; enquanto o *Cartola* contava os tostões. O réu, nada dizia. Não tem mãe. Tem padrasto. Chegara há dias com um embrulho de roupa, que entregou à senhora da rouparia. Tempos depois quer-se ir embora, mas sem o embrulho não. Vem ter comigo, *quero o meu embrulho*. Eu acalmo e digo-lhe que o vá pedir à senhora da rouparia. Ele vai, chega à porta e berra—*dê-me o meu embrulho*. Andou nisto mais duma semana e hoje, nem com dois embrulhos irá embora!



Outro caso é o *A'guia*. Do *A'guia* tenho medo, por ser nosso há uns três anos e não ter feito progressos. Ontem, domingo, enquanto todos foram a Paredes ver jogar a bola, ele pede ao chefe para ficar, por não ter roupa, disse; e era mentira. Ele ficou mas foi para fazer das suas; arrombou a gaveta do Rogério! Nessa mesma tarde se descobriu tudo. Houve um tribunal esmagador, aonde se pôs a doutrina da premeditação e mais e mais e mais.

Dias depois o mesmo reincide. Desta vez foi na Capela. Arrombou a caixa das esmolas. Felizmente para ele, não havia lá nada. Tinha sido aberta no dia antecedente, mas a vontade do rapaz ficou de pé. Pecou. Novo tribunal, aonde esta doutrina foi desenvolvida.

Palavra puxa palavra e o *Painso* veio à baila.

Apresentei-o por modelo. Todos nós sabemos como ele era, disse, e agora não. Agora esforça-se. Agora não tem havido queixas. Já não pede tostões ós senhores e faz entrega do que lhe dão. Consolei-me de pôr o rapaz nos pincaros. Mas um dos presentes bota-o abaixo! O *Painso* foi acusado de acender um cigarro na lampada da capela e fumá-lo! E agora? Estava ali a testemunha de acusação. Passava na sala um arrepio de sacrilégio; a lampada da capela! *Painso* levanta os olhos e defende-se. Que não. Que não fora um

cigarro. Foi uma ponta. Uma ponta pequenina. Era assim; e mostra a ponta do indicador.

Eu não podia, naturalmente, defender o *sacrilego*. A testemunha continuava a atacar,—tanto faz o cigarro como a ponta. *Painso* é um dos mais trágicos dos nossos. Ainda há dias, tendo ele ido mais eu, vejo-o a fugir de um homem. Era o pai!

A sua mãe, foi aquela que apodreceu em casa depois de morta, por não ter quem lhe desse sepultura. *Painso* estava ali à minha beira, naufragado.

Estava triste. Ia chorar. E eu disse que não. Eu levantei o rapaz. Levantei a voz e declarei; quem sabe se o rapaz não teria entrado na capela com a intenção de rezar, e a ponta veio depois,—quem sabe? E assim se deu o tribunal por encerrado, até mais ver.

O DIAS DOS SANTOS

EU chegava ontem de fora, no *Morris*, à noitinha, quando fui assaltado a meia avenida, pela malta em cheio. Não é costume. Nunca tal aconteceu. Eu berrava ao rapaz do volante que tivesse cautela;—*olha que atropelas*, de tantos rapazes e de tanto entusiasmo! Foi o *Dias dos Santos*. Esteve cá o *Dias dos Santos*. Eram mais de cem a gritar a notícia e cada um procurava, a seu modo, traduzir o seu regosijo. Oh confusão!

Eram seis da tarde. Nós agora jantamos àquela hora, por conveniência. E' o horario de inverno. Dall a nada, estávamos à mesa. As notícias do visitante continuavam e prolongavam-se. Cada um punha seu ponto ao conto. E ele almoçou mais nós. E almoçou no refeitório dos médios. E os grandes ficaram danados. E ele andou de bicicleta. E mais e mais e mais.

Júlio e Avelino, são os meus próximos à mesa. A sopa não chegava. Bernardino, o pequenino refeitoreiro, não aparecia. Já começava a desesperar, quando ele assoma com a terrina. A sopa estava crua! Não comi. Novo compasso de espera. Minutos e minutos e minutos. De novo assoma o Bernardino com um cestinho de vime e dentro 4 maçãs coradas; era a sobremesa. Já lá vem o resto, diz o rapaz. Foi então que Avelino explicou. O *Botas* tinha andado na comitiva do *Dias dos Santos* até às 4 e meia. A senhora da cozinha, mandara chamar e tornara a mandar e ele não fazia caso. Era o *Dias dos Santos*. E que nas oficinas, tinha sido a mesma coisa. E que nos campos também. E que ninguém fez nada naquelas horas daquele dia, senão andar atrás do hospede, a dar vivas e palmas!! O *Dias dos Santos* deixou dito que havia de tornar na companhia de sua esposa. Se assim for está bem;—espera-se que a presença dela acalme. Se vier sózinho, estamos degraçados.

Lar do ex-Pupilo Brevemente

(Continuação da página 3)

de novo emprego. O Lar é exclusivamente para os de boa vontade.

Com estas nova organização, não deve haver dúvida de que demos mais um passo em frente.

Continuamos a mostrar interesse e esforço pelas responsabilidades que nos foram pedidas e cremos, de boa fé, ter andado a desempenhar o melhor possível a nossa missão.

Servir bem, para sermos servidos.

H. F.

ISTO É A CASA DO GAIATO

PEDIDOS A' EDITORA

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA